

# SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Inara Chaves Viana<sup>1</sup>

Maria Laura Rodrigues Silva Veras <sup>1</sup>

Sônia Cardoso Moreira Garcia<sup>1</sup>

Rhanica Evelise Toledo Coutinho<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA

## RESUMO

O câncer pediátrico, uma doença maligna com opções terapêuticas muitas vezes limitadas, cria um cenário permeado por tristeza e angústia em torno das crianças afetadas. Neste contexto desafiador, a equipe de profissionais de saúde responsável pela oncologia pediátrica enfrenta diariamente desafios emocionais e profissionais. Este estudo visa aprofundar a compreensão da saúde mental desses profissionais, explorando os desafios emocionais que enfrentam e como esses desafios podem impactar a qualidade dos serviços prestados. A revisão abrangente da literatura revela a carga emocional considerável que os profissionais experimentam devido à delicadeza do tratamento oncológico infantil, destacando o uso frequente de mecanismos de defesa, como a negação e a repressão, para lidar com o estresse e a exaustão emocional. Esse estudo oferece uma visão detalhada das complexidades da saúde mental na oncologia pediátrica e destaca a necessidade urgente de intervenções voltadas para o bem-estar emocional desses profissionais. Tais intervenções são cruciais não apenas para garantir a qualidade do atendimento às crianças com câncer, mas também para preservar a integridade psicológica e emocional da equipe. Assim, é imperativo priorizar a saúde mental dos profissionais envolvidos na oncologia pediátrica, criando um ambiente terapêutico e preventivo para condições como depressão e burnout, o que pode influenciar positivamente o processo de tratamento e recuperação das crianças.

**Palavras-chave:** Saúde mental; Câncer pediátrico; Profissionais de saúde.

## ABSTRACT

Pediatric cancer, a malignant disease with often limited therapeutic options, creates a scenario permeated by sadness and anguish around the children affected. In this challenging context, the team of health professionals responsible for pediatric oncology faces emotional and professional challenges on a daily basis. This study aims to deepen the understanding of the mental health of these professionals by exploring the emotional challenges they face and how these challenges can impact the quality of the services provided. The comprehensive literature review reveals the considerable emotional burden that professionals experience due to the delicacy of childhood cancer treatment, highlighting the frequent use of defense mechanisms, such as denial and repression, to cope with stress and emotional exhaustion. This study offers a detailed insight into the complexities of mental health in pediatric oncology and highlights the urgent need for interventions aimed at the emotional well-being of these professionals. Such interventions are crucial not only to guarantee the quality of care for children with cancer, but also to preserve the psychological and emotional integrity of the team. Thus, it is imperative to prioritize the mental health of professionals involved in pediatric oncology, creating a therapeutic and preventive environment for conditions such as depression and burnout, which can positively influence the treatment and recovery process of children.

**Keywords:** Mental health; Pediatric cancer; Health professionals.

## RESÚMEN

El cáncer pediátrico, una enfermedad maligna con opciones terapéuticas a menudo limitadas, crea un escenario lleno de tristeza y angustia alrededor de los niños afectados. En este contexto desafiante, el equipo de profesionales de la salud responsable de la oncología pediátrica enfrenta desafíos emocionales y profesionales a diario. Este estudio tiene como objetivo profundizar en la comprensión de la salud mental de estos profesionales, explorando los desafíos emocionales que enfrentan y cómo estos pueden impactar la calidad de los servicios prestados. La revisión exhaustiva de la literatura revela la carga emocional considerable que experimentan los profesionales debido a la delicadeza del tratamiento oncológico infantil, destacando el uso frecuente de mecanismos de defensa como la negación y la represión para hacer frente al estrés y la agotamiento emocional. Este estudio ofrece una visión detallada de las complejidades de la salud mental en la oncología pediátrica y resalta la necesidad urgente de intervenciones dirigidas al bienestar emocional de estos profesionales. Tales intervenciones son cruciales no solo para garantizar la calidad de la atención a los niños con cáncer, sino también para preservar la integridad psicológica y emocional del equipo. Por lo tanto, es imperativo priorizar la salud mental de los profesionales involucrados en la oncología pediátrica, creando un ambiente terapéutico y preventivo para condiciones como la depresión y el burnout, lo que puede influir positivamente en el proceso de tratamiento y recuperación de los niños.

**Palabras clave:** Salud mental; Cáncer pediátrico; Profesionales de la salud.

## 1. INTRODUÇÃO

O câncer, desde sua origem, sempre esteve atrelado a significados pessimistas devido à imprecisão do tratamento e progressão rápida para um quadro mais grave com desfechos relacionados à morte. Tais concepções construíram uma representação social negativa<sup>1</sup> da doença associada a determinado tabu e estigma acerca do tema (Ferlay et al, 2019).

Sobre o câncer pediátrico, revela-se inegável a comoção em torno da criança adoecida. Desde o momento do diagnóstico, predomina significativo enfoque em torno da criança por parte dos familiares, sua rede social e profissionais de saúde, afinal, a partir daquele momento, a realidade do ser adoecido passa por significativas transformações, fazendo-se necessário que a criança disponha de relevante e qualificado suporte multidimensional oferecido por rede de apoio com a finalidade de que ela possa conseguir enfrentar a doença a partir da identificação e mobilização de seus próprios recursos emocionais (Pagung et al, 2017).

Embora o foco principal costumeiramente esteja na melhoria do bem-estar da criança acometida pelo câncer, é essencial não negligenciar a saúde mental da equipe multiprofissional que oferece cuidados, incluindo médicos, enfermeiros, psicólogos e fisioterapeutas. Esses profissionais trabalham incansavelmente para proporcionar terapia de qualidade, enfrentando desafios, como comunicar más notícias, lidar com tratamentos prolongados e variáveis e oferecer apoio às crianças e suas famílias durante esse momento complexo e doloroso. (Ramalho; Nogueira-Martins, 2007).

Junto ao exposto, a equipe de saúde integrada no processo terapêutico da criança necessita lidar com suas próprias emoções diante das adversidades anunciadas e, ainda, perante as responsabilidades que lhes são impostas. Assim, em consonância com o autor, é possível que tais infortúnios venham a refletir de maneira negativa na saúde mental dos profissionais de saúde (Santos; Santos, 2015).

As repercussões na saúde psíquica do profissional de saúde podem desencadear patologias psicológicas e emocionais, afetando tanto sua saúde quanto

---

<sup>1</sup> A representação social negativa do câncer refere-se à maneira como a sociedade muitas vezes percebe e estigmatiza essa doença. O câncer frequentemente é associado a estereótipos negativos, como fatalidade, sofrimento, perda de qualidade de vida e até mesmo à morte iminente (Silva, 2008).

a qualidade dos serviços prestados. Isto é especialmente crítico, uma vez que os profissionais precisam estar em boas condições emocionais para transmitir confiança, empatia e esperança aos pacientes em um ambiente já complexo.

Em meio a condução desta pesquisa emergiram questionamentos, a saber: Quais os principais acometimentos psíquicos que afetam os profissionais de saúde envolvidos na oncologia pediátrica? E de que maneira tais patologias podem ser atenuadas visando promover o bem-estar emocional destes e aprimorar a qualidade dos serviços destinados às crianças com câncer?

Nesse contexto, este estudo revisional visa compreender o impacto na saúde mental dos profissionais de saúde que atuam na oncologia pediátrica, analisando a prevalência de estresse, ansiedade e depressão, o impacto na qualidade do serviço e na saúde dos profissionais, além de propor intervenções a fim de melhorar o bem-estar psicoemocional destes.

Esta investigação destaca a importância - muitas vezes subestimada - da saúde mental dos profissionais que cuidam de crianças com câncer, visando o reconhecimento, tratamento e sensibilização sobre o tema. Considerando que o bem-estar dos profissionais de saúde atuantes na área da oncologia pediátrica irá influenciar na qualidade de seus serviços prestados, este bem-estar, portanto, não deve ser negligenciado e subestimado (Kazak *et. al.*,2015).

Ademais, a promoção da saúde mental dos profissionais pode contribuir para a retenção de talentos e a prevenção do esgotamento, assegurando que as equipes permaneçam eficazes e compassivas ao longo do tempo.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 CÂNCER PEDIÁTRICO

Por apresentar alto grau de letalidade e impacto, o câncer é amplamente temido na sociedade (Lima et al, 2016). É uma condição caracterizada pela proliferação desordenada de células anormais em qualquer lugar do organismo (INCA, 2017), afetando pessoas de todas as idades e grupos socioeconômicos, conforme relata o Instituto Nacional do Câncer – INCA.

O câncer é originado de uma combinação complexa de fatores que engloba causas internas e externas. Estes incluem predisposição genética, influências de natureza social, política, econômica e ambiental. Essa patologia pode variar amplamente, impactando não apenas a saúde do paciente de forma crítica, mas também afetando significativamente o seu dia a dia. (INCA, 2019).

Devido à sua letalidade e complexidade, a doença transforma a vida do paciente, especialmente crianças, que precisam ser afastadas de atividades cotidianas devido ao tratamento. Isso inclui longos períodos de hospitalização e o risco de aparecimento de sintomas adicionais da doença (Silva; Melo; Magalhães, 2019).

Convém ressaltar que a infância é um período de divertimento e lazer no qual a criança não tem responsabilidades sobre si. Por ser quase isenta de preocupação, ela fica submetida a uma certa ingenuidade e desconhecimento acerca de sua saúde. Em vista disso, ao ser diagnosticado com câncer, a notícia vem de forma brutal para o paciente e familiares, acarretando uma mudança drástica na rotina das partes envolvidas, além de forçar um amadurecimento precoce da criança e a responsabilidade sobre seu quadro de saúde (Moreira et. al., 2014).

Inseridos no processo de diagnóstico de câncer infantil, os pais e responsáveis desempenham um papel crucial no apoio emocional e psicológico de crianças diagnosticadas, enfrentando desafios ao lidar com a vulnerabilidade da situação e ao ter que demonstrar força para oferecer suporte. Sendo assim, esses pais e responsáveis têm sua saúde mental e emocional afetada ao priorizar as demandas da criança acometida pela doença (Alves et. al., 2016). Outra questão a ser pontuada é a falta de conhecimento que os pais e o paciente podem vir a apresentar sobre a

doença. Essa incompreensão tende a ser um agravante no enfrentamento do câncer, uma vez que o desconhecido pode amedrontar e trazer o paciente para um local de autoexclusão e negligência para com seu quadro de saúde (Fernandes et. al., 2018).

Diante dessa questão, faz-se necessário que os profissionais de saúde estejam aptos para esclarecer dúvidas acerca da doença por meio do uso de uma linguagem simples, objetiva e acessível aos pais/responsáveis e à própria criança acometida pelo câncer a fim de diminuir os danos causados nesse cenário de comunicação (Rodrigues et. al., 2017).

Sabendo que, culturalmente, o câncer possui íntima relação à tristeza, sofrimento, dor e morte, foram expostas reflexões a respeito da complexidade além do quadro clínico do paciente oncológico, a qual pode suscitar ao profissional de saúde importante sofrimento psicológico e emocional (Silva, 2009).

## 2.2 IMPACTO PSICOEMOCIONAL NA EQUIPE DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Segundo a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2015) a saúde mental é definida como o estado de bem-estar no qual o indivíduo desenvolve suas habilidades pessoais e lida com as adversidades da vida, sendo produtivo e contribuindo para a comunidade onde se insere.

O ambiente em que um indivíduo trabalha é um fator significativo que pode levar a impasses psicológicos e emocionais devido às reações psicoemocionais geradas por tal ambiente. Isso é especialmente verdadeiro porque as pessoas passam muito tempo no trabalho e lidam com situações estressantes que exigem de seus recursos emocionais (Benevides, 2010).

Tal questão ocasiona uma saturação mental nos profissionais inseridos no mercado de trabalho, levando a distúrbios emocionais e psicológicos, incluindo a Síndrome de Burnout, reconhecida em janeiro de 2022 pelo Ministério da Saúde (Fasanella, 2022). Na oncologia pediátrica, a linha de frente encara estresse e demandas emocionais intensas, requerendo resiliência devido à natureza humanística e exigente da profissão (Ferrari; França; Magalhães, 2012).

É possível afirmar que as comoções desencadeadas nos profissionais de saúde que estão inseridos na oncologia têm raiz em uma autocobrança pessoal e profissional, à imprevisibilidade da área e às limitações de recursos científicos e médicos no tratamento de pacientes oncológicos, podendo resultar em episódios ansiosos e depressivos (Gonzaga et. al., 2016).

No contexto do câncer, particularmente o infantil, onde a sensibilidade é ainda mais intensa, o profissional de saúde experimenta uma dualidade emocional. Isso ocorre porque a formação profissional está centrada na busca da cura, enquanto muitos casos tratados não oferecem essa perspectiva. Quando esta não é possível, o profissional assume a responsabilidade de fornecer cuidados e pode recorrer a pensamentos mágicos em busca de soluções impossíveis (Silva, 2009).

Perante as abordagens supracitadas, identifica-se que os profissionais de saúde da oncopediatria lidam constantemente com a dualidade entre vida e morte, além de enfrentarem processos de sofrimento, angústia e incertezas, os quais tendem a desencadear patologias psíquicas, como estresse traumático, ansiedade, depressão e Burnout. Existem, também, circunstâncias em que o profissional não mais dispõe de recursos clínicos e terapêuticos para a cura do doente, agregado ao paradoxo de sentimentos entre a demonstração e repressão deles (Ramalho; Nogueira-Martins, 2007).

### 2.3 PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO ATENDIMENTO DO CÂNCER PEDIÁTRICO

O câncer pediátrico desperta profundas emoções na equipe de saúde, equipe essa que se encontra fadigada por devido à sobrecarga física e, principalmente, à demanda psicoemocional, destacando que nem todas as vezes o profissional está preparado para enfrentar a realidade de forma ideal (Hercos et. al., 2014).

Os profissionais de saúde que estão inseridos na linha de frente da oncologia pediátrica defrontam-se, diariamente, com situações de sofrimento, dor e perda (Ramalho; Nogueira-Martins, 2007). Expostos a esse ambiente onde são testados seus limites humanísticos e emocionais, a equipe de saúde tende a reprimir a dor e a angústia vivenciadas diariamente, absorvendo uma grande carga emocional negativa, a qual influencia tanto no exercício da profissão quanto na qualidade de vida (De

Alencar et. al., 2015). Por conseguinte, os sentimentos de medo, insegurança, pesar e impotência frente ao que não se pode evitar podem afetar a qualidade da assistência prestada pelo profissional devido a impressão de que as medidas tomadas por ele não diminuirão a dor da criança e a ansiedade de seus familiares (Mutti; De Paula; Souto, 2010).

A equipe de saúde multidisciplinar em oncologia pediátrica - composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas e demais profissionais - estabelece vínculos importantes com a criança doente, o que pode contribuir para o sucesso terapêutico (Silva et. al., 2019). No entanto, reforça-se a complexidade emocional para os profissionais, especialmente os que oferecem suporte psicoemocional, que precisam gerenciar impactos em sua saúde mental. Paralelamente, aqueles que cuidam de terceiros devem equilibrar o estabelecimento de vínculos afetivos com a necessidade de manter um distanciamento emocional que lhes permita cumprir sua função e, ao mesmo tempo, proteger-se (Do Carmo; Dos Santos Oliveira, 2015). O envolvimento da equipe de saúde com o paciente é essencial para uma relação terapêutica eficaz, uma vez que facilita a interação e o conhecimento entre enfermo e cuidadores (Mota et al, 2011).

Contudo, quando se trata das estratégias que a equipe de profissionais adota para lidar com suas próprias emoções e sentimentos ao cuidar de crianças com câncer, destacam-se mecanismos de defesa, notadamente a negação e a repressão. Esses mecanismos tentam suprimir da memória dos cuidadores a dura realidade pela qual essas crianças passam devido à doença. A repressão envolve o esquecimento seletivo de situações desagradáveis que causam ansiedade, permitindo que a energia reprimida seja redirecionada para ações que não provoquem angústia no indivíduo. Já a negação implica em enxergar o mundo da maneira desejada pela pessoa, não como ele é na realidade (Ferreira, 1996).

Sendo assim, o uso de tais mecanismos de defesa contra as possíveis consequências da situação pode gerar outra angústia no profissional, uma vez que, fragmentando sua relação com o paciente, podem passar despercebidas limitações, deixando de ajudá-lo e não o proporcionando a devida assistência emocional (Avellar; Iglesias; Valverde, 2007).

Para que o profissional de saúde desempenhe bem seu trabalho, é necessário lidar com suas próprias angústias e medos, tornando menos doloroso o processo de interação e afastamento dos pacientes (De Alencar; Rodrigues et. al., 2015). Diante da exaustão emocional associada à Síndrome de Burnout na prestação de cuidados oncológicos, isso faz-se necessário. Além do mais, estratégias como a fé, conforto espiritual e orações são importantes para lidar com as emoções no cuidado às crianças com câncer (Silva et al., 2015).

Portanto, com base em todas as observações mencionadas, fica evidente que qualquer indivíduo que esteja envolvido na prestação de cuidados à vida humana deve estar equipado com as ferramentas necessárias para intervir de maneira eficaz. Essa intervenção não se limita apenas ao aspecto biológico, mas se estende, sobretudo, ao aspecto emocional. O profissional deve adotar uma abordagem equilibrada que englobe sua saúde física, mental e espiritual diante de suas próprias inquietações e desempenhar o papel de orientador independentemente das circunstâncias, uma vez que a equipe de saúde, por estar em constante contato com os pacientes e acompanhá-los nos momentos mais críticos, assume a responsabilidade de compreendê-los como seres completos, abrangendo seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais (Souza et al., 2013). Isso reflete o conceito ampliado de saúde, que reconhece que a saúde não se resume à ausência de doenças, mas abrange o bem-estar físico, mental, emocional, social e espiritual das pessoas, promovendo uma abordagem integral e integradora no cuidado à saúde.

Diante dos cenários descritos, compreende-se a importância de ofertar reparo psicoemocional à equipe de saúde que atua na linha de frente da oncologia pediátrica. Reconhece-se que, ao proporcionar esse suporte, é possível capacitá-los a desempenhar seu trabalho com maior excelência, ao passo que a abordagem multidisciplinar no cuidado oncológico infantil se torna um fator indispensável para o sucesso desse cuidado (Silva et. al., 2019).

Nesse sentido, reforça-se o fato de que os profissionais de saúde assumem um papel fundamental ao oferecer não apenas os cuidados técnicos necessários, mas também ao abraçar as necessidades emocionais apresentadas pelas crianças e suas redes de apoio, como familiares e amigos. Tal afirmativa encontra-se em conformidade ao que diz Paterson Zerard (1988 p.129 *apud* Neves; Mendes; Santos,

2017, p. 8): “em um momento em que tudo que se pode fazer é compartilhar medos, inseguranças, incertezas, angústias e esperança, a demonstração de empatia, compreensão e sensibilidade revela-se imprescindível diante do que não pode ser mudado.”

Na adoção de uma abordagem holística, reconhece-se que cada indivíduo envolvido no processo de cuidado merece ser tratado não apenas como um caso clínico, mas como um ser humano completo, com emoções e anseios que precisam ser atendidos. Compreende-se que a saúde psicoemocional é intrinsecamente ligada à saúde física e é por meio desse entendimento que se pode oferecer um cuidado verdadeiramente abrangente e significativo (Neves et. al., 2017).

Assim, faz-se necessária a implementação de programas e práticas que promovam o bem-estar psicoemocional tanto da equipe de saúde quanto dos pacientes e seus entes queridos. O investimento nesse aspecto não apenas contribuirá para a saúde mental dos profissionais envolvidos, prevenindo o esgotamento e promovendo a resiliência, mas também criará um ambiente de cuidado compassivo e acolhedor, capaz de impactar positivamente o processo de tratamento e recuperação das crianças (De Oliveira et. al., 2015).

### **3. METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo integrativa com o intuito de coletar dados relevantes acerca do assunto em questão. Para a revisão, seguiram-se as etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; avaliação dos artigos incluídos na revisão; síntese do conhecimento dos principais resultados evidenciados na análise dos artigos incluídos e apresentação da revisão.

Para a seleção das referências, utilizou-se as bases de dados eletrônicas: Medical Literature Analysis and Retrieval System (MEDLINE), via PubMed, Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e Google Acadêmico (Google Scholar). Além disso, as buscas foram realizadas em sites do governo e de universidades federais.

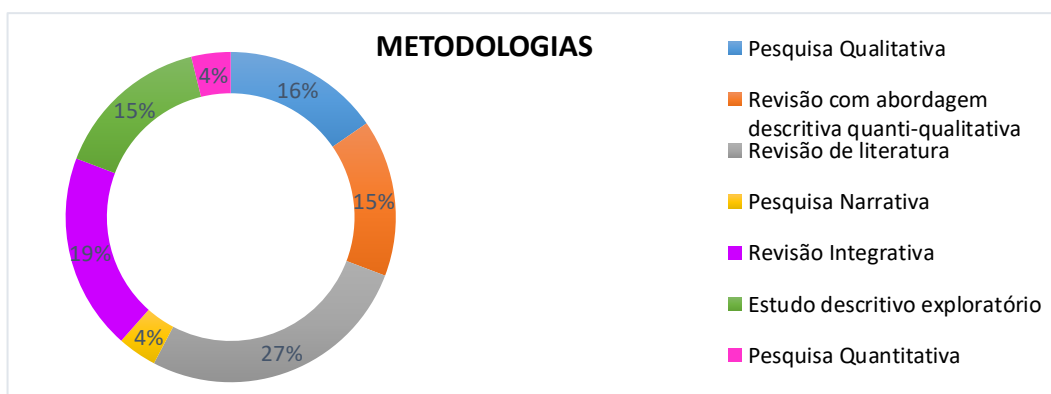
Na busca dos artigos foram utilizados os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Saúde mental; Câncer pediátrico; Profissionais de saúde. Os critérios de inclusão delineados para a seleção dos artigos compreendem a publicação no período entre os anos 2009 e 2022, devido a escassez de abordagem na temática, nos idiomas português, inglês e/ou espanhol, em consonância com o propósito predefinido de aprofundar a compreensão da saúde mental dos profissionais de saúde que atuam na oncologia pediátrica. Foram excluídos os trabalhos que não enfocaram primordialmente os profissionais de saúde no contexto da temática de oncologia pediátrica.

Na segunda etapa, os estudos foram avaliados analiticamente para atingir o objetivo da pesquisa. A terceira etapa compreendeu uma revisão integrativa dos principais resultados evidenciados. Este estudo não requer revisão pelo comitê de ética, pois é uma revisão bibliográfica.

#### 4. RESULTADOS PARCIAIS

Foram analisados 2.620 artigos na temática da saúde mental dos profissionais de saúde da oncologia pediátrica. Após critérios de exclusão, foram selecionados 50 artigos devido à repetição e falta de conteúdo específico. Os resultados destacam uma maior incidência de revisões de literatura, conforme o Gráfico 1 ilustra:

**Gráfico 1** - Estratificação dos resultados mediante as metodologias.



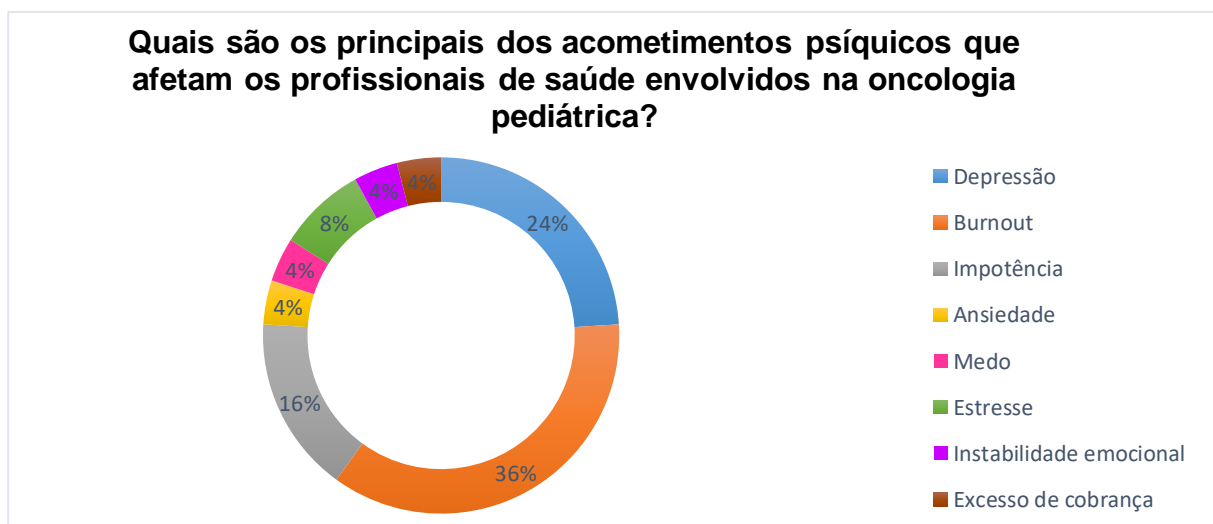
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Entre os artigos selecionados, observou-se que profissionais de saúde que cuidam de crianças com câncer enfrentam um alto risco de problemas psicoemocionais devido à intensa carga emocional e à limitação de recursos para lidar

com a gravidade da doença. Inseridos neste contexto, os trabalhadores podem vir a apresentar sentimento de impotência e frustração, afetando a qualidade dos serviços e o bem-estar desses profissionais, os quais buscam cuidado integral para seus pacientes.

Quinze artigos exploraram como alguns profissionais de saúde adotam mecanismos de defesa que os levam a focar apenas no aspecto biomédico, afastando-se emocionalmente do paciente para evitar sofrimento. Tal postura pode prejudicar a relação médico-paciente e a capacidade de oferecer o suporte emocional necessário para crianças em situação crítica.

**Gráfico 2** – Estratificação dos resultados mediante ao problema de pesquisa.



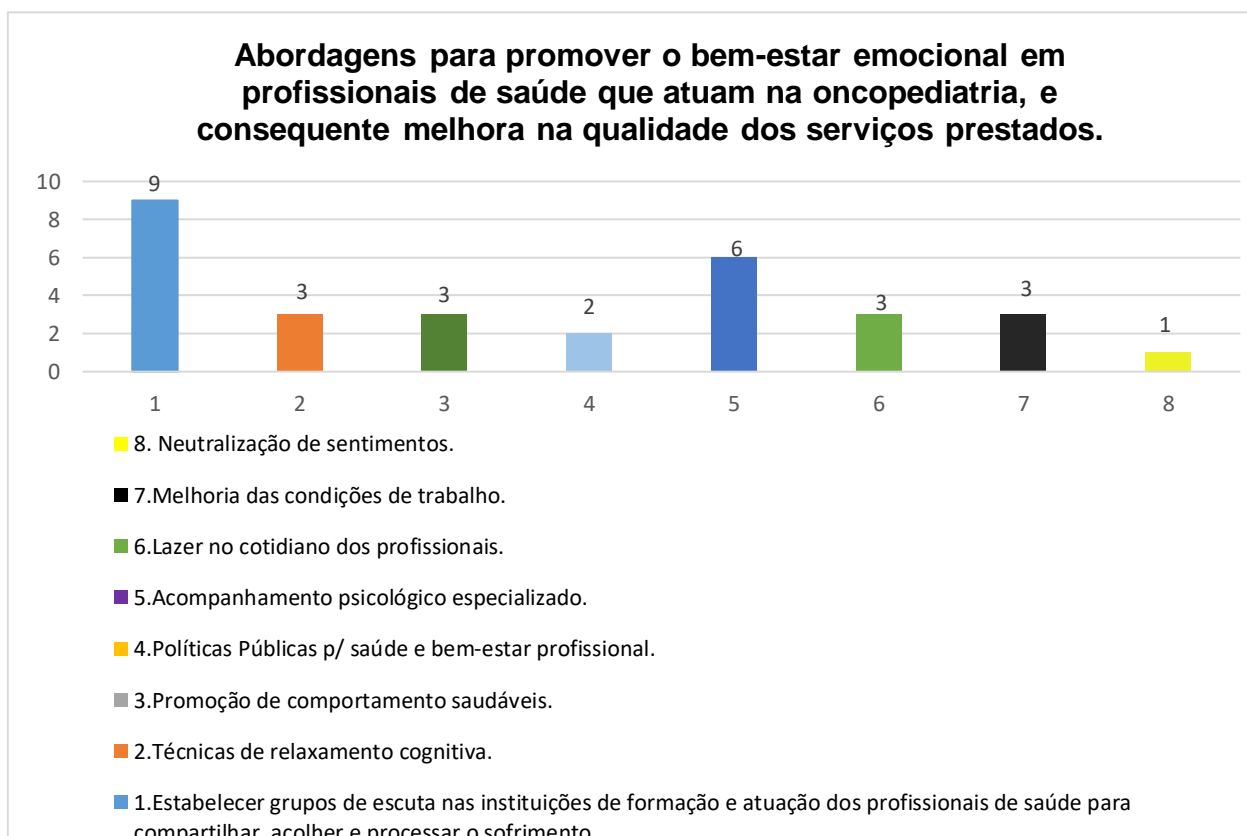
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, podemos dizer que apenas 35 artigos tratam da temática, o que revela que a preocupação com o objetivo desse estudo não se limita somente ao recorte dessa investigação e ao objeto de pesquisa, mas a muitos outros. Na continuidade deste trabalho, pretende-se chegar a resultados mais consolidados.

A pesquisa conduzida por De Oliveira (2021) destaca que profissionais de saúde da oncologia pediátrica enfrentam estresse contínuo, incertezas e responsabilidades emocionais. O estudo enfatiza que eles estão envolvidos no acolhimento e humanização que se estende aos familiares que acompanham a criança diagnosticada e correm o risco de desenvolver doenças ocupacionais, prejudicando a qualidade do trabalho e levando-os ao afastamento das atividades laborais.

Silva et al. (2019) destacou a importância do cuidado da saúde psicoemocional dos profissionais envolvidos na oncologia pediátrica, ressaltando sua influência positiva no tratamento das crianças com câncer. O estudo abordou o papel dos trabalhadores desde o momento do diagnóstico até questões como cuidados paliativos, incluindo os mecanismos de defesa experimentados por eles. Foram discutidos os efeitos negativos desses mecanismos, como o distanciamento da equipe e a perda de confiança da criança nos profissionais. Em vista disso, foi elaborada uma estratificação dos resultados deste estudo por meio de um gráfico (Gráfico 3), visando analisar as diferentes abordagens de saúde mental, tanto terapêuticas quanto profiláticas, destinadas aos profissionais de saúde que trabalham na área da oncopediatria.

**Gráfico 3** - Estratificação de resultados mediante ao problema de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após analisar os resultados deste estudo, constata-se que a abordagem da escuta ativa em ambientes de formação e prática foi a intervenção mais frequentemente mencionada na literatura revisada. Essa abordagem oferece técnicas que promovem acolhimento, apoio e compartilhamento de experiências, contribuindo

significativamente para aprimorar a qualidade dos serviços prestados pelos profissionais de saúde que trabalham na oncopediatria.

## **5. CONCLUSÃO**

O impacto do câncer pediátrico na saúde mental dos profissionais de saúde é profundo, levando a uma sobrecarga emocional intensa e esgotamento. A necessidade de suporte psicoemocional é ressaltada tanto para pacientes quanto para profissionais, reconhecendo sua vulnerabilidade emocional e a importância de uma abordagem holística. Os desafios enfrentados por esses profissionais incluem a dualidade emocional no tratamento, que oscila entre a busca pela cura e o confronto com a mortalidade, resultando em possíveis acometimentos psíquicos como burnout e depressão.

A pesquisa destaca também os mecanismos de defesa utilizados pelos profissionais, como a negação e a repressão, ressaltando a necessidade de programas de bem-estar psicoemocional. A implementação desses programas não apenas protegerá a saúde mental dos profissionais, mas também criará um ambiente de cuidado empático e acolhedor, beneficiando o processo de tratamento e recuperação das crianças com câncer pediátrico. Integrar cuidados físicos e emocionais pode transformar a trajetória da oncologia pediátrica em uma jornada mais esperançosa e compassiva para todos envolvidos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Karine de Melo Cezar, *et al.* A vivência dos pais da criança com câncer na condição de impossibilidade terapêutica. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/sbvdxXChgtDXTw9yG43GRFD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2023.

AVELLAR, Luziane Zacché; IGLESIAS, Alexandra; VALVERDE, Priscila Fernandes. Sofrimento psíquico em trabalhadores de enfermagem de uma unidade de oncologia. **Psicologia em estudo**, v. 12, p. 475-481, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Ly6wRwyYJxL9qQ8wFFx5jyF/?lang=pt>. Acesso em: 09 mai. 2023.

BENEVIDES, Ana Maria T. **Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. 3. ed. [S. l.]: Casa do Psicólogo, 2010. 280 p. ISBN 8562553441. Acesso em: 09 mai. 2023.

DE ALENCAR, Aline Rodrigues, *et al.* Emoção e cuidado na assistência à criança com câncer: Percepções da equipe de Enfermagem. **Revista Cubana de Enfermaria**, v.30, n.2, 2015. Disponível em: <https://revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/518/88>. Acesso em: 25 abr. 2023.

DE OLIVEIRA, Patrícia Santiago Da Mota *et al.* A saúde mental do enfermeiro em unidade oncológica pediátrica. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 62218-62239, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/31813/pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

DO CARMO; DOS SANTOS OLIVEIRA. Criança com câncer em processo de morrer e sua família: enfrentamento da equipe de enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n. 2, p. 131-138, 2015. Disponível em: [https://rbc.inca.gov.br/index.php/ver\\_ista/article/download/300/185](https://rbc.inca.gov.br/index.php/ver_ista/article/download/300/185). Acesso em: 21 abr. 2023

FASANELLA, Nicoli Abrão. Síndrome de Burnout já é classificada como doença ocupacional. **Jornal da PUC-SP**, [S. l.], p. 2-4, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/sindrome-de-burnout-ja-e-classificada-como-doenca-ocupacional>. Acesso em: 28 set. 2022.

FERLAY, J., *et al.* Estimating the global cancer incidence and mortality in 2018: GLOBOCAN sources and methods. **International Journal of Cancer**, International Journal of Cancer, v. 8, ed. 144, p. 1941-1953. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ijc.31937>. Acesso em: 8 mai. 2023.

FERNANDES, Ana Flavia Figueiredo, *et al.* Informações aos pais: Um subsídio ao enfrentamento do câncer infantil. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, ciências biológicas e da saúde, v. 39, ed. 2, p. 145-152, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/32356/24762>. Acesso em: 27 mar. 2023.

FERRARI, Rogério; FRANÇA, Flávia Maria; MAGALHÃES, Josiane. Avaliação da síndrome de burnout em profissionais de saúde. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, n. 3, p. 868-883, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/download/145/139/>. Acesso em: 28 set. 2022.

FERREIRA, Noeli Marchioro Liston Andrade. A difícil convivência com o câncer: um estudo das emoções na enfermagem oncológica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 30, p.229-253, 1996. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gH4ny8dnRV\\_TN7WjFccHr\\_f6H/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gH4ny8dnRV_TN7WjFccHr_f6H/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 20 abr. 2023.

GONZAGA, Anne Kettley Lacerda de Lima, *et al.* Síndrome de Burnout em trabalhadores da oncologia: Uma revisão integrativa. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 3, p. 365-375, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287148579002.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022

HERCOS, Thaíse Machado, *et al.* O trabalho dos profissionais de enfermagem em unidades de terapia intensiva na assistência ao paciente oncológico. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 60, n. 1, p.

51-58, 2014. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/artic le/downlo a d/495/295>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

INCA – Instituto Nacional do Câncer [online]. (2019) Tipos de câncer: Câncer infantojuvenil. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-infantojuvenil>. Acesso em: 30 out. 2022.

LIMA, Sara Fiterman, *et al.* Representações sociais sobre o câncer entre familiares de pacientes em tratamento oncológico. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 20, 2016. Acesso em: 27 out. 2022.

MOREIRA, Denise Alves, *et al.* Meu filho está com câncer: Mudanças sofridas pelas crianças segundo as mães. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 3, p. 584-593, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/download/10435/pdfacesso>. Acesso em: 27 mar. 2023.

MOTA, Marina Soares, *et al.* Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.32, p.129-135, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rgenf/a/9SBVHtZMtb6BtfGNBJCBbJq/?lang=pt\\_](https://www.scielo.br/j/rgenf/a/9SBVHtZMtb6BtfGNBJCBbJq/?lang=pt_). Acesso em: 09 mai. 2023.

MUTTI, Cintia Flores; DE PAULA, Cristiane Cardoso; SOUTO, Marise Dutra. Assistência à saúde da criança com câncer na produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 56, n. 1, p. 71-83, 2010. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/download/1537/927>. Acesso em: 09 mai. 2023.

NEVES, Jéssica Nunes; MENDES, Daniella RG; SANTOS, Walquíria Lene dos. Enfermagem em oncologia pediátrica: Fatores de excelência na assistência integralizada. **Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro**, 2017. Disponível em: <http://www.senaaires.com.br/wp-content/uploads/2017/05/ENFERMAGEM-EM-ONCOLOGIA-PEDI%C3%81TRICA-FATORES-DE-EXCEL%C3%81NCIA-NA-ASSIST%C3%81NCIA-INTEGRALIZADA.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.  
Paterson JG, Zderad LT. Enfermeria humanística. México: Limusa; 1979. p.219. Acesso em: 22 de set.2023.

PAGUNG, Larissa Bessert, *et al.* Estratégias de enfrentamento e otimismo de crianças com câncer e crianças sem câncer. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 9, n. 3, p.33-46, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6098/609864758003/609864758003.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

RAMALHO, Mirian Aydar Nascimento; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Vivências de profissionais de saúde da área de oncologia pediátrica. **Psicologia em Estudo**, v.12, p.123-132, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo .br/j/pe/a/rGTJCrk6 dFv5QqK9dBXNGFF/?form at=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

RODRIGUES, Bruna Affonso, *et al.* A comunicação de notícias difíceis pelos enfermeiros nos cuidados paliativos oncológico pediátricos: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v.10, n.10, p. e335101018788-e335101018788, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/18788/16879/233367>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

SANTOS, Ana Flavia dos; SANTOS, Manoel Antônio dos. Estresse e burnout no trabalho em Oncologia Pediátrica: Revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 35, p. 437-456, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/mvwTbY6SyBLDgQ6p3n39GKB/? format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SILVA, Lucia Cecilia. O sofrimento psicológico dos profissionais de saúde na atenção ao paciente de câncer. **Sofrimento psicológico**, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870350X2009000100](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2009000100). Acesso em: 23 set. 2022.

SILVA, Sabrina; MELO, Cynthia de Freitas; MAGALHÃES, Bárbara. A Recidiva em Oncologia Pediátrica a partir da Perspectiva dos Profissionais. **Oncologia pediátrica**, psicologia saúde & doenças, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200221>. Acesso em: 28 set. 2022.

SILVA, Marcelle Miranda, *et al.* Cuidados paliativos na assistência de alta complexidade em oncologia: Percepção de enfermeiros. **Escola Anna Nery**, v.19, p. 460-466, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/9Lq9hrVkhdydR5KcP8pnfTf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 mai. 2023.

SILVA, Shirley de Souza; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de; SANTOS, Roberta Montenegro dos. O paciente com câncer: cognições e emoções a partir do diagnóstico. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v. 4, n. 2, p. 73-89, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872008000200006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872008000200006&script=sci_arttext). Acesso em: 19 out. 2023

SOUZA, Luise Felix, *et al.* Morte digna da criança: Percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, p. 30-37, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/bcPswW44pVJNBBPghLcbPhx/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 09 mai. 2023.

VIEIRA, Isabela; RUSSO, Jane Araujo. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, p. e290206, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/57RLsw3NPS4YRKzMLHPGyTy/>. Acesso em: 19 out. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION *et al.* **The European mental health action plan 2013–2020. 2015.** Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175672/9789289050951-eng.pdf?sequence=3>. Acesso em: 21 out. 2023.

